



**COTIDIANO, LINGUAGEM E HUMOR ENTRE OS VENDEDORES DE FOLHAS DA  
FEIRA DE SÃO JOAQUIM (SALVADOR / BA)**

Orlando José Ribeiro de Oliveira<sup>1</sup>  
Marília Flores Seixas de Oliveira<sup>2</sup>  
Clara Flores Seixas de Oliveira<sup>3</sup>

**INTRODUÇÃO**

Este trabalho analisa o cotidiano, os aspectos da linguagem e do humor de produtores-vendedores de “folhas” na Feira de São Joaquim (Salvador/BA), e é fruto de pesquisa etnográfica desenvolvida entre 2012 e 2015, em que se buscou compreender as especificidades do mercado de plantas rituais em Salvador. Denomina-se “folhas”, aqui, ao conjunto de plantas nativas e cultivadas que têm uso mágico-religioso e terapêutico em práticas rituais das religiões afro-brasileiras e/ou uso apenas terapêutico por amplas camadas da população de Salvador. Embora o comércio destas “folhas” esteja estabelecido em várias feiras, mercados e pontos de venda em toda a cidade, é na Feira de São Joaquim que ocorre, três vezes na semana e em curto horário a cada dia (das 4:00 h às 7:00 h), o chamado “mercado da Pedra”, que centraliza o processo de distribuição dessas “folhas”, reunindo produtores-vendedores e compradores. Os dados levantados na pesquisa foram analisados a partir de referências teóricas que dialogam com os âmbitos destacados. Para analisar o exercício do cotidiano e os processos diários do trabalho, os principais teóricos foram Certeau (1994), Sato (2007 e 2012) e Vedana (2013). Na análise dos aspectos referentes à linguagem e ao humor, foram utilizados os textos de Fish (1993), Vedana (2013) e Bakhtin (1987). Outros temas, como os processos de aprendizagem - baseados na oralidade e no parentesco -, e as comparações com os mercados africanos, foram discutidos a partir de Verger (1992), Machado (2006) e Bourdieu (2006).

1 Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Professor de Antropologia e Cultura Brasileira da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Endereço eletrônico: ojro.furioso@gmail.com

2 Doutora em Desenvolvimento Sustentável/Gestão Ambiental pela Universidade de Brasília (CDS/UnB). É professora titular do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Endereço eletrônico: marília.flores.seixas@gmail.com

3 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFBA (PPGCS/UFBA). Advogada, bacharel em Direito pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Endereço eletrônico: clara@gmail.com



## METODOLOGIA

A pesquisa, de cunho etnográfico, teve como cerne o trabalho de campo, baseado em contato direto, intenso e prolongado com os agentes do mercado, de modo a propiciar a compreensão das relações sociais que emergem no contexto e a apreensão dos significados culturais que orientam e influenciam o comportamento do grupo e dos indivíduos. Do ponto de vista metodológico, adotou-se abordagem qualitativa e etnográfica, reconhecendo que o objeto investigado, o mercado das “folhas”, seria melhor compreendido se observado em seu contexto de ocorrência, o Mercado da Pedra na Feira de São Joaquim, a partir da perspectiva dos agentes sociais nele envolvidos.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

As feiras e mercados de Salvador integram a história da população negro-mestiça da cidade. Primeiro como escravos, depois como trabalhadores livres, segmentos dessa população sempre atuaram nas feiras e mercados da cidade, seja como vendedores (feirantes, barraqueiros, ambulantes) e prestadores de serviços (carregadores), seja como compradores e consumidores, atendendo às demandas materiais e espirituais da vida cotidiana.

A Feira de São Joaquim funciona como importante posto de abastecimento de Salvador e cidades do Recôncavo e é um *locus* privilegiado de observação de expressões culturais e religiosas. Pólo comercial das plantas de uso ritual e/ou curativas, a Feira é também um centro de difusão de conhecimentos tradicionais étnico-referenciados sobre estas plantas.

O mercado da Pedra é uma das primeiras atividades da Feira nos dias em que ocorre (segunda, quarta e sexta-feira), começando a comercialização por volta das 4:00 h da manhã, quando os primeiros mateiros instalam suas mercadorias, espalhando pelo chão as “folhas” trazidas em fardos grandes. Detentores dos conhecimentos necessários para as tarefas que organizam a atividade da Pedra, os produtores-vendedores de “folhas” estão, no cotidiano, engajados em seus processos de trabalho, que conhecem bem. Nos atos cotidianos e nas artes de fazer (CERTEAU, 1994) dos vendedores da Pedra, há uma sistematização de conhecimentos sobre as “folhas” e seus usos (etnoconhecimento), sobre o mercado em que se assenta a atividade,



sobre a economia informal que o baseia e, sobretudo, sobre as interações sociais desenvolvidas cotidianamente. Para Vedana (2013), o trabalho na feira se assenta em uma sociabilidade própria. A dinâmica do processo de circulação na Pedra pode ser pensada, de maneira geral, em algumas etapas: (1) chegada e transporte dos fardos de “folha” até a Pedra; (2) abertura dos fardos de “folha” destinados à venda ou organização dos fardos fechados com as encomendas; (3) preparação das mercadorias / arrumação dos molhos de “folha” no chão para a venda; (4) busca de “folhas” entre outros produtores para complementar encomendas; (5) negociação e venda das “folhas” nos primeiros horários; (6) negociação e venda das “folhas” na boia; (7) organização e embalagem das “folhas” vendidas em fardos para transporte pelos entregadores; (8) limpeza da área utilizada na venda das “folhas”; (9) cobranças e recebimentos de valores devidos.

São recorrentes, nas interações sociais da Pedra, enunciados em tom de brincadeira e jocosidade entre os interlocutores, cujos sentidos humorísticos se concretizam por elementos verbais e não-verbais (gestos e jeitos de corpo, p. ex.), e também por enunciados que são evocados mas não expressos, presentes no acervo de memórias coletivas. É constante o uso de inversões de sentido, recursos de linguagem básicos no humor, como no diálogo entre dois carregadores, anotado no caderno de campo da pesquisa (2015): “- Vítor é o cara! - De pau! - He, he, he, mas *é!*”.

Na Pedra, a todo momento podem ser ouvidas falas de provocação, conhecidas localmente como ‘conversas de sotaque’ ou dichotes, causando respostas que vão de outras provocações sequenciadas até grandes gargalhadas coletivas, quando a brincadeira é percebida por mais pessoas. Podem ser piadas diretas dirigidas para alguém, gozações frente a algum acontecimento, xingamentos utilizados para zombar do outro, pilhérias que insinuam e ridicularizam comportamentos sexuais ou outras manifestações de humor sobre as quais se fundamenta o cotidiano da Pedra.

Sobrepõem-se, desta maneira, novos acontecimentos (risíveis) sobre os fatos diários do trabalho, e esta sobreposição torna menos árdua a rotina dos fornecedores das “folhas”. Além de tornarem o dia-a-dia mais leve, estas brincadeiras, jocosidades e gozações constantes também funcionam como estratégias de construção de vínculos com os fregueses, que passam a ser acolhidos numa comunidade interpretativa própria, com suas regras de convivência, suas manifestações de humor. Tais estratégias aproximam-se, assim, àquelas analisadas por Vedana (2013) em suas pesquisas sobre feiras livres, quando aborda narrativas do cotidiano que expressam uma dimensão lúdica associada ao trabalho na feira como expressão de uma sociabilidade própria dos feirantes, com interações voltadas para amenizar a dureza do trabalho.



De maneira geral, os membros da comunidade, quando incluídos nas gozações e pilhérias, são, não apenas coniventes com as avacalhações que lhes são dirigidas, como também aderem às brincadeiras, entrando facilmente no papel que lhes foi atribuído no jogo do discurso zombeteiro. Há, na Pedra, um jogo semântico em conversas de duplo sentido, que falam uma coisa mas significam outra, ou que invertem o sentido do que foi dito pelo outro, expondo-o ao ridículo público, portanto, ao riso. É curioso como as conversas quase sempre resvalam para esse tom dúbio, de sentido ambíguo, zombeteiramente sexualizado. O valor humorístico das ambiguidades é destacado de maneira a colocar o outro em posição de escárnio, de gozação pública. Mas não há contudo, reações de intolerância a isso, ao contrário, aceitam-se as brincadeiras com surpreendente *fair play*. Estes corriqueiros enunciados de duplo sentido, maliciosos e erotizados, podem também sugerir sentidos que só se completam no acervo mnemônico do interlocutor, já que as respostas aos enunciados nem sempre são faladas, ficando no ar o subterfúgio da insinuação. Quem não conhece a continuidade do diálogo (a parte não-dita, implícita) não compreende a graça da conversa, ficando de fora do ato discursivo. Tais enunciados remetem, portanto, à existência de um acevo de construções verbais que são compartilhadas coletivamente e que estabelecem uma divisão (de ordem semântica) entre aqueles que compreendem a brincadeira - os de dentro da comunidade interpretativa - e aqueles que não a conhecem, portanto não conseguem perceber o gracejo, a chula, a gozação. O enunciado inicial, nestes casos, evoca os outros enunciados da sequência, que não são ditos mas que são conhecidos e lembrados na evocação, fazendo rir, mas funcionando apenas entre aqueles que conhecem o complemento da fala, que não é dito.

Levando em conta que o sujeito constrói significados a partir de sua bagagem pessoal (repertório pessoal, memória, partilhas linguísticas, sentimentos, imaginações) e de sua bagagem comunitária (valores e referências culturais das comunidades interpretativas a que pertence), ao dividir as pessoas entre os que não compreendem as brincadeiras porque não conhecem o acervo textual necessário para acharem graça e os que detêm as informações coletivas necessárias para que se realizem as significações humorísticas, estas falas de duplo sentido que ocorrem constantemente no Mercado da Pedra demonstram o caráter público das estratégias interpretativas acionadas para a construção de sentidos. Conforme Fish (1993), o sujeito não existe isolado das categorias de pensamento públicas ou convencionais que tornam possíveis as suas operações (de pensamento, visão, leitura), isto é, só é possível realizar o trabalho de interpretação elaborando-se operações mentais de construção de significado que fazem parte do acervo cultural da sua comunidade de pertencimento. Assim, embora seja correto dizer que o indivíduo crie significados,



isto é feito por meio de estratégias interpretativas que têm origem em um sistema de inteligibilidade cultural e comunitário.

Por fim, quando se compara a vida social observada no Mercado da Pedra aos estudos etnográficos sobre mercados e feiras africanos, feitos por Pierre Verger e Roger Bastide no Benim em 1952 (VERGER, 1992) são muitas as aproximações que se pode fazer. Ao ilustrar e analisar a grande complexidade sociocultural dos mercados africanos, Verger e Bastide afirmam haver um entrosamento, nos contextos das feiras africanas, entre o comportamento econômico, voltado ao lucro, e o comportamento comunitário, de afirmação de relações tradicionais, ancestrais. Tal como na Pedra.

## CONCLUSÕES

Em Salvador, a dinâmica da comercialização das “folhas” rituais (que se articulam com as práticas da religiosidade afro-brasileira) está centrada num evento que ocorre na Feira de São Joaquim em três dias da semana, conhecido como a Pedra. As interações sociais no mercado da Pedra encontram na linguagem do humor alternativas lúdicas para se criarem fatos novos (risíveis), que se sobreponham ao (duro) cotidiano do trabalho tornando-o mais agradável, e também estratégias de manutenção de vínculos de proximidade e afetividade com os membros da comunidade do Mercado da Pedra, estabelecendo e reforçando uma sociabilidade própria, numa comunidade interpretativa com suas especificidades simbólicas e culturais.

**Palavras-chave:** Linguagem. Cotidiano. Feira de São Joaquim.

## REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail M. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1987.



CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer.** 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

FISH, Stanley. Como reconhecer um poema ao vê-lo. **Palavra**, 1993. Rio de Janeiro: PUC. Departamento de Letras / Semestral, número 1.

LEITE, Fábio. Valores civilizatórios em sociedades negro-africanas. *África: Revista do Centro de Estudos Africanos*. USP, S. Paulo, n 18-19 (1): 103-118, 1995/1996.

MACHADO, Vanda. Tradição oral e vida africana e afro-brasileira. SOUZA, Florentina e LIMA, Maria Nazaré (orgs.). **Literatura afro-brasileira**. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.

SATO, Leny. **Feira Livre: organização, trabalho e sociabilidade**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

\_\_\_\_\_. Processos cotidianos de organização do trabalho na feira livre. **Psicologia & Sociedade**. n. 19, Edição Especial 1:, 95-102, 2007.

VEDANA, V. Fazer a feira e ser feirante: a construção cotidiana do trabalho em mercados de rua no contexto urbano. **Rev. Horizontes Antropológicos**, v. 19, n. 39, p. 41-68, Porto Alegre, Jan/jun. 2013.